

ANÍBAL MACHADO

Autobiografia

(...) Foi nas águas de um rio histórico, o Rio das Velhas em Sabará, que as lavadeiras nos últimos anos do século passado atiraram o meu umbigo (para que dizer a data?). Esse rio de águas turvas até hoje ainda passa por mim. Quando abri mais os olhos, e comecei a distinguir as coisas, divisei da varanda da chácara onde nasci no alto de uma colina as torres de uma porção de igrejas da velha cidade colonial. Se o vento era favorável, de lá me chegavam, também, sons de sinos. Nessa varanda central, certo hábito de contemplação. Vi passar as barcas de meu pai (o rio das Velhas então dava caiado), vi passar as velhas carolas, vi chegar a cavalo o médico da cidade chamado para debelar a minha febre ou para ajudar o nascimento de mais um irmão. Meu pai viajava sempre e quando chegava minha mãe o recebia debaixo dos bambuais, de vestido novo, pálida de emoção. Nós esperávamos que os beijos acabassem para receber os presentes. Por causa do amor que os uniu até a velhice custei a compreender que houvesse tantos casais desunidos. A minha primeira viagem foi a Congonhas do Campo onde moraram os meus avós maternos. O pretexto era assistir a festa do Divino, em que minha avó preta ia ser coroada a rainha. Não fazia então a menor idéia do Aleijadinho mas ainda me lembro do pavor que experimentou a criança de cinco anos que era eu ao passar debaixo de seus profetas no adro da matriz. Minha tia carregava-me às vezes para o Rio. Na Praça Duque de Caxias e imediações do Largo do Machado, ficaram-me vários fragmentos da infância. Eu sabia que entrando-se pela rua do Catete se perdia numa cidade imensa. Mas o meu desejo era voltar para as montanhas de Minas, para a chácara às margens do rio das Velhas.

Da contemplação deste rio, passei à sensação física de suas águas. E antes dos dez anos, comboiado por um preto, filho ou neto de um dos escravos de meu bisavô, atravessei pela primeira vez a nado. É fácil supor que não dormi aquela noite, tamanha a minha emoção.

Fora a minha primeira vitória contra a natureza. Enormes árvores cercavam a nossa casa. Até a adolescência, passavam muitas horas do dia ou no alto delas ou dentro das águas. Nenhuma leitura. Havia muita coisa que descobrir fora dos livros, no mundo que nos cercava. Pastos, dobras de serra, grotas, córregos, árvores, lagoas e tudo o que vive, canta e se procria neles eram outras tantas descobertas a fazer. Todo esse universo nunca era o mesmo, conforme houvesse sombra ou sol, chuva ou vento. O medo das cobras era menor que o dos ladrões e assombrações, personagens do terror noturno. Com o cascalho das antigas minerações, fazíamos casas que se convertiam logo em fortalezas (era o tempo de guerra russo-japonesa). Parávamos à boca dos formigueiros para acompanhar a atividade das formigas. As pescarias à noite pareciam aventura inverossímil, por que nos levavam para junto dos elementos mais misteriosos como o glú-glú das águas, parecendo fragmentos de frases, a escuridão e a vida enigmática dos peixes. Quando os comboios que vinham do Rio de Janeiro passavam na margem oposta, já nos encontravam dentro d'água, ao sol fazendo gestos para os passageiros. Minha mãe nos prendia sempre que de binóculo verificava a obscenidade deles. Tudo isso é comum à infância em geral, mas faz parte da mitologia íntima de cada um. Éramos livres e o mundo era enorme. Certa vez fora jantar em nossa casa uma menina de quatorze anos. Tão bestificado fiquei diante de sua beleza, que perdi o caminho da boca e já ia levando o garfo na direção dos olhos, quando a gargalhada de todos me interrompeu cruelmente e eu me retirei da mesa para chorar.

Foi a minha primeira agonia diante de outra força da natureza. A adolescência havia chegado. Daí por diante comecei a frequentar o rio menos por ele do que pelas lavadeiras que batiam roupa a suas margens. Imagem de moças, de criadinhas e primas já me circulam pelo sonho. Coisa curiosa; sempre misturadas às águas do rio, dos tanques ou das lagoas. Da página de uma antologia lida na hora da lição saltou a primeira mulher, toda rescendente: "Iracema, a virgem dos lábios de mel, tinha os cabelos mais negros do que a asa da graúna e os olhos mais doces, etc."... Eu partia para o banho na certeza de encontrar Iracema. Já era tempo de disciplinar essa alegria livre, tocada às vezes de inexplicáveis melancolias. Era preciso prepararmo-nos para a vida. Minha mãe enfraquecida pelo último parto, nada conseguia. Foi mandada vir uma alemã, educadora conhecida, mulher enorme, enérgica, ilustrada. Obrigou-nos a horário, à aprendizagem do alemão, à disciplina de colégio. A casa perdeu subitamente o encanto, a vida ficou triste. Minha irmã no piano chorava aos pitos da severa educadora. Feliz era o pretinho que ia campear os cavalos na várzea. O rio nos provocava pela janela, à hora das lições. A natureza

ficava como que nos esperando. Pensou-se em dar-nos uniformes. Rebelamo-nos todos. Em lugar meu pai internou-me no Colégio D. Viçoso em Belo Horizonte, que era então uma cidade mausoléu, de tão silenciosa. Privado da vida ao ar livre, tornei-me retraído e tímido. Veio-me a vontade de aprender. Eu estimava bastante o diretor, mas tinha uma vontade secreta de incendiar o seu colégio. Fiquei triste de repente, à procura difícil de outros irmãos, que não os de sangue. O colégio não tinha conforto, sendo embora o melhor da época. Rezávamos alto e sem fé naquele seminário leigo. O futebol nós o praticávamos com grande entusiasmo e bola de meia de mulher numa área minúscula de duzentos metros quadrados de poeira. À noite os percevejos nos festejavam. Expedições desses bichinhos vi descer pelo rosto de alguns companheiros que ressonavam. Chorava de desespero e no dia seguinte já me faltava o humor para me divertir com o professor de matemática que limpava as mãos cheias de giz no fraque austéro. Nunca apanhei nem nunca bati; não sei porque me respeitavam. Os violentos sabiam que não me humilhava diante deles e eu procurava me insinuar à simpatia dos tímidos. Comecei a compreender que nessa idade de transição a minha angústia era a de muitos. O colégio nos sufocava; transbordávamos então pelos quintais da vizinhança e pela rua, à procura do que se veio denominar mais tarde “espaço vital”.

Matricularam-me depois no Externato do Ginásio Mineiro, onde cursei até o 5º ano, um tanto fraquinho em matemática. Vim concluir o curso secundário aqui no extinto Colégio Abílio em Botafogo. Novamente em Belo Horizonte a seguir como ouvinte o 1º ano da Faculdade de Direito. Nessa época, já a capital mineira era menos mausoléu, tanto assim que uma vez, às 9 da noite, quando me banhava num tanque de uma de suas praças, já um guarda civil me perseguia aos apitos, enquanto eu corria precipitadamente entre os arvoredos, até me esconder no porão da casa do senador, Virgílio de Mello Franco, onde o seu neto Rodrigo me acolheu. Por essa época, morando em pensões sórdidas de estudante, apareceu-me uma memorável colite que me foi fiel durante quase 20 anos. Um pormenor prosaico desta natureza não devia ter a menor importância no curso de uma existência. Mas tem. Em mim talvez viesse como contrapeso, pois era tempo de desconfiar que o meu organismo era inadequado ao meu temperamento. Alegando a meu pai que o Direito Romano era uma coisa medonha, que era impossível passar com decência no exame desta cadeira, transferi-me para a Faculdade Livre, da Praça da República. O que eu queria era cair no Rio, tão diferente do da minha infância. Para mim, estar nesta cidade era viver um sonho. Até os seus aspectos mais sórdidos me pareciam maravilhosos. Mesmo com pouco dinheiro e

pouca saúde, só o fato de estar andando pelas suas ruas me bastava. A contemplação das mulheres que passavam produzia-me um êxtase que chegava ao sofrimento. Todas tão perto e tão inacessíveis! Tempo de magia! Se me dissessem que uma sereia estava dormindo debaixo da minha cama eu acreditava. Os homens práticos, positivos e saudáveis pareciam-me monstros deshumanos. Revoltava-me a idéia que eram eles que gozavam o melhor quinhão da vida. Entretanto, só o fato de me encontrar no Rio me bastava.

O mar que eu sonhava tanto, que me enchia a imaginação, estava ali perto, ao alcance da mão. Saber que abrindo a janela iria encontrar a sua imagem poderosa, receber a aragem salina, oh! só isto valia tudo para o filho da montanha com uma ascendência de velhos armadores, pelo lado paterno. A boêmia noturna foi-me absorvendo. Cortada a mesada que me enviavam, fui forçado a tornar a casa de meus pais. Em Belo Horizonte, os 2 últimos anos do Curso. Nessa época, ou creio que antes, publiquei numa revista de estudantes um dos meus primeiros escritos intitulado “O sentido das estátuas”, uma coisa inteiramente sem sentido, e eu daria um doce para quem a entendesse. Até então quasi não lia, na pressa de tirar diretamente da vida o seu sentido, sem a ajuda dos intérpretes-escritores. Não havia tempo a perder, os livros eram lentos demais, expressavam apenas alguns aspectos do mundo e eu não queria perder um minuto da festa, desviar a atenção dos movimentos da vida, tal como esta se apresenta a uma adolescência confusa e inquieta. A Europa já estava conflagrada. Os cabarés de Belo Horizonte repletos de artistas e aventureiros. Comecei a sentir certo atordoamento e tristeza. E uma sensação de vazio quando entrava em casa da madrugada, deixando nos companheiros a impressão de que eu era o mais alegre. Minha mãe dizia a meu pai: “Talvez seja este o filho perdido”. Conheci por este tempo além de Rodrigo de Mello Franco Andrade, de quem já era amigo, Carlos Drummond de Andrade, João Alphonsus, Silva Guimarães e outros escritores. Meu irmão mais velho morrera tragicamente, e, pouco depois, a gripe espanhola, com a qual embarquei daqui para Belo Horizonte, levava o meu amigo Cesario de Mello Franco. Já colaborava muito raramente num ou noutro jornal e na *Vida de Minas*. Aproximei-me mais intimamente do atual ministro Francisco Campos com quem discutia literatura, ao lado de Mucio Continentino, e, sem entender bem, metafísica alemã. Apaixonei-me, por Aracy Jacob e, dois anos depois, em março de 1919, partia casado com ela e já feito promotor público, para Ayuruoca, velha cidade do sul de Minas erguida num contraforte da Mantiqueira. A viagem foi numa segunda-feira de Carnaval. Devíamos pernoitar em Caxambú. Minha mulher estava triste ao apartar-se de seus pais pela primeira vez.

Com único fito de afastar a tristeza da companheira, botei uma máscara e fui fazendo toda sorte de gabrochadas pelas estações do itinerário. Ela chorava de tanto rir, e assim entramos dançando num hotel em festa daquela estância mineral. As malas e uma pretinha sorridente vinham atrás. Cheguei finalmente à sede da comarca investido nas novas funções. Manifestações, discursos, etc. Eu era uma autoridade. No dia seguinte não havia viva alma na rua. Nem padaria nem luz elétrica. Minha mulher começou a chorar escondido. Foi o diabo. Mas minha mala estava cheia de poetas ingleses. Da sala do júri, sentado ao lado do juiz, eu a avistava na janela de nossa casa, e tapando a cara com autos, interrompia a acusação para dizer-lhe adeuzinho. Minha vontade era dirigir-me para lá com os réus e tudo para tomarmos café. Um ano depois deixávamos a cidadezinha um tanto saudosos, levando na bagagem uma filha que seria a primeira de uma série longa de meninas. Em Belo Horizonte, já em começo de 1922, acharam-me um tanto novo para lecionar História Geral no Ginásio Oficial do Estado, onde eu deixara tradição de bom aluno. Fui nomeado e iniciei uma atividade onde quisera permanecer sempre. Falava tão depressa, que, até que me corrigisse, os alunos perdiam quase todo o meu latim. O jornalista escritor Dario de Almeida Magalhães pode depor a esse respeito. Militei como jornalista durante pouco tempo no *Estado de Minas*, de Mário Brant. Nesse jornal iniciou ela a publicação de um romance coletivo. Quando tocou a minha vez, liquidei todos os personagens e o romance não pode prosseguir. Meu ideal era mudar-me para o Rio. Vencendo a oposição de toda a família, aqui me encontrei em 24, feito promotor público. Saúde sempre precária e uma vontade louca de viver. A pouca saúde se agravava com o exercício de uma profissão a que não me adaptava. Fui comissariado para o gabinete do meu amigo Augusto Vianna Castello, um homem de grande simplicidade e honradez. Na primeira oportunidade demiti-me para exercer interinamente as funções de catedrático interino de literatura no Colégio Pedro II. Passando do Ministério ao magistério público, fui restituído ao meu elemento. O contacto com os jovens do 6º ano era a hora melhor de meus dias.

Em 30, a minha mulehr morrera tragicamente em uma casa de saúde, ao lado de um recém-nascido que também morrera. Fiquei sem saber o que fazer, cercado de 5 filhas. Com a volta inesperada do catedrático efetivo, perdi também a cadeira de literatura do Pedro II. Triunfava o movimento político de 30. Sem trabalho, sem aptidões para a vida prática, apenas com o dinheiro que o meu pai me mandava com esforço, passei quase 2 anos na praia esperando dar um jeito na vida. Lia bastante e nadava. Ir para a praia era ao mesmo tempo gozar o mar e fugir dos credores. Senti que a minha cunhada é que iria ocupar o lugar de sua irmã

morta e um dia, numa véspera de Natal, mandei a minha filha mais nova botar uma carta no sapato dela. Foi assim mesmo. Daí para cá não é preciso evocar, basta olhar. Os anos desandaram a correr com os acontecimentos e a gente a tomar uma consciência mais larga das coisas. Mas todo este passado sem importância, análogo ao de tantos outros, parece-me às vezes ter sido de outrem. Como se a minha vida verdadeira ainda nem houvesse começado. E essa ilusão que nos dá idéia de todas as possibilidades, a sensação de que se pode partir a todo o momento para qualquer direção. O nosso “eu” histórico, o que nos fixa a nós mesmos, constituído de tudo o que fizemos e nos aconteceu, é varrido tantas vezes, de seu leito por uma rajada de paixão e de poesia. Sabemos serem muito prosaicas, mas também muito poderosas, as forças que o compelem a voltar ao primitivo lugar, que é o do hábito e o do conformismo quotidianos. O principal da vida de um homem, de um escritor principalmente, não está nos fatos aparentes; o principal é o constante esforço do espírito e da vontade no sentido de organizar o destino sob o fogo dos acontecimentos, no jogo arbitrário dos acasos; o principal é essa integração do indivíduo, apanhado em sua solidão inicial, às forças sociais e ao sentido geral do universo. A biografia de um homem não é mais que a projeção exterior dos episódios desta luta pela adaptação entre dois mundos que a princípio parecem estanques. Essas barreiras tendem a desaparecer no futuro.

Esta época, tão cheia de pesadelos, é para mim a mais rica e importante da história.

Prefiro antes conversar do que escrever; antes ouvir do que ler. Há muitos anos venho fazendo sem querer, com enormes interrupções, um livro interminável para o qual tenho um montão de notas e que é possível seja organizado algum dia.

De raro em raro escrevo contos e novelas, gênero que me atrai bastante. E poemas em prosa. Quando me dá na cabeça, faço também alguns ensaios críticos. Em geral, concebo as minhas coisas nas horas e momentos mais impróprios. Velando um defunto, por exemplo. De qualquer forma fora do escritório e longe do papel. A vulgaridade é que me apavora. Penso que toda a mensagem de um escritor pode comportar-se dentro de uma só obra, o que não o impede de levar a sua arte a outros climas e experiências, submetendo-a a reações novas. Reputo de nível baixo ainda a nossa sociedade literária, vivendo por enquanto de equívocos e expedientes de camaradagem. A glória de um escritor não depende dessa providência, depende da força real de sua criação, da seriedade de sua arte. Interesse-me de preferência “pelos novos”, sobretudo quando não nascem velhos, como quase sempre tem ocorrido. É preciso

que eles não se preocupem com o sucesso, essa deusa tão sabidamente pífida.

Publico muito pouco e isso sem nenhuma idéia preconcebida. Escrevendo pouco, publicando menos, é natural que eu não tenha leitores que se possam interessar pela minha vida. É este motivo do meu espanto quando “você veio procurar-me”.

ANÍBAL M. MACHADO

(*Diretrizes*, Rio de Janeiro, a. 7, nº 184, 6 jan. 1944)

